

ICMBio

Edição 461 - Ano 11 - 29 de março de 2018

foco

VOLUNTARIADO
INSTITUTO CHICO MENDES DE
CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

Programa de Voluntariado comemora avanços

PÁGINA 8

Flona de Brasília tem rede de trilhas

PÁGINA 11

Esec Mico-Leão-Preto recebe plantio de árvores

PÁGINA 5

Oficina reúne lideranças na Resex Quilombo do Frechal

PÁGINA 4

ICMBio coordena curso de Sistema de Comando de Incidentes

A Coordenação de Prevenção e Combate a Incêndios (Coin) promoveu, ao lado do Ibama, do Corpo de Bombeiros do DF e do Serviço Florestal Americano, curso de Sistema de Comando de Incidentes (SCI). Participaram da capacitação membros da brigada e da gerência de fogo do ICMBio e do Ibama, bombeiros do Distrito Federal e Goiás, servidores de órgãos federais como a Fundação Nacional do Índio (Funai) e a organização não governamental Aliança da Terra. O curso ocorreu em Brasília, entre os dias 12 e 16 de março.

Os participantes saíram capacitados nos módulos básico e intermediário do SCI. De acordo com o coordenador da Coin, Christian Berlinck, a realização do curso dará melhores condições para gerenciar os recursos empregados em grandes incidentes de incêndios florestais. "A ideia é que neste ano a gente consiga juntar pessoas que foram capacitadas em SCI para compor equipes de comando nos grandes eventos, a fim de ter uma resposta mais adequada", avalia Berlinck.

Durante a semana, os participantes aprenderam não só as funções dentro do SCI, mas também a importância de suas ações e os procedimentos e protocolos que auxiliam na tomada de decisão, como planejamento e gerenciamento dos recursos. O exemplo utilizado foi o do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, um dos principais eventos recentes.

Além das aulas teóricas, os alunos também fizeram exercícios práticos utilizando a mesa de areia, que é uma maquete do cenário. Por fim, eles tiveram a oportunidade de aplicar o SCI por meio da simulação de um incidente.

METODOLOGIA AMERICANA

O SCI é uma metodologia surgida na Califórnia, durante a década de 70. Os americanos buscavam entender como mitigar os danos causados pelos incidentes no estado, que custavam milhares de dólares. A partir daí, houve

um profundo diagnóstico e a formulação de procedimentos para otimizar os recursos.

O sistema estabelece princípios como alcance de controle (uma pessoa não pode comandar mais que sete pessoas), manejo integrado de recursos (todos os recursos que estão na operação podem ser usados por múltiplos órgãos envolvidos) e unidade de comando (um só comandante). A ferramenta também estabelece funções, organizadas em estrutura modular (que visa facilitar a desmobilização ou a expansão caso seja necessário).

Quem comanda um incidente é chamado de comandante, que é auxiliado por oficiais em três papéis: segurança (inspeciona se a operação não está colocando em risco os combatentes); ligação (relações institucionais) e informação pública (responsável por atender a mídia e divulgar as informações do incidente para o público). Há ainda quatro setores que podem ser ativados e estão sob a liderança do comandante: operações (cuida do combate, do uso de aviões, etc); planejamento (atualiza o status da situação, providencia dados); logística (cuida da alimentação, transporte e manejo dos recursos) e administração e finanças (lida com pagamentos e orçamentos).

O SCI já é utilizado nos Estados Unidos em praticamente qualquer situação de emergência: terremotos; intoxicações coletivas; acidentes radiológicos, químicos e biológicos; atentados terroristas e grandes eventos (como fóruns, visitas de autoridades, Olimpíadas, etc). Foi empregado, por exemplo, na reação americana aos atentados terroristas de 11 de setembro.

No Brasil, o SCI é implementado em estados como São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro. Em Brasília, começou a ser normatizado pela Secretaria de Segurança Pública a partir de 2004, sendo mais utilizado pelo Corpo de Bombeiros. Aos poucos, ele está sendo empregado também no combate a incêndios florestais.

O instrutor do Serviço Florestal Americano, Josh Acosta, destacou os pontos positivos apresentados pelos brasileiros. "Acredito que trabalhamos de uma maneira muito parecida, embora tenhamos algumas diferenças. Estamos todos navegando pelo mesmo rio, só que em barcos diferentes", avalia. Acosta, que ministrou um curso no Brasil pela primeira vez, também destacou o ponto forte dos brasileiros: "Vocês possuem muitas habilidades e conhecimento, mas um ponto que eu senti muito é que vocês têm uma grande paixão pelo trabalho que fazem, há uma entrega muito grande".



Ramilla Rodrigues



Curso dará melhores condições para gerenciar os recursos empregados em grandes incidentes de incêndios florestais



Oficina reúne lideranças quilombolas

Lideranças quilombolas participaram neste mês da oficina “Gestão Territorial e Ambiental e sua Interface com as Mudanças Climáticas em Territórios Quilombolas”. O evento foi realizado na Reserva Extrativista (Resex) do Quilombo Frechal (MA), unidade de conservação que tem em seu território três comunidades, com aproximadamente 300 famílias, todas quilombolas.

O evento busca debater as implicações relacionadas à proposta do Ministério do Meio Ambiente (MMA) para a gestão ambiental e territorial dos espaços que os quilombolas ocupam em mais de seis mil comunidades espalhadas por todo o Brasil. Durante cerca de cinco meses, serão dez encontros, sendo dois nacionais e oito regionais

As atividades incluíram palestras, exposições, estudos de caso, discussões em grupo e construção coletiva de mapas e da linha do tempo do movimento quilombola. Realizada no casarão que abriga o Centro Cultural Quilombo Frechal, a oficina teve fundamental participação dos moradores da Resex, tanto nas atividades relacionadas à oficina, quanto na organização do evento, que teve avaliação bastante positiva dos participantes.

Houve, ainda, momentos de interação, atividades culturais e visitas de campo às comunidades de Deserto, Rumo e Frechal. A oficina foi encerrada com uma confraternização com muito reggae e tambor de crioula. Participaram representantes do Instituto Chico Mendes, Ministério do Desenvolvimento Social, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), da Fundação Cultural Palmares e Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas, além de lideranças quilombolas de territórios no Ceará, Maranhão e Piauí.

A oficina é resultado de um trabalho coordenado pelo Ministério do Meio Ambiente e organizado pelo Instituto Socioambiental (ISA) e a Associação de Quilombos para Cooperação Negra Anastácia.



Quilombolas discutem gestão territorial, meio ambiente e mudanças climáticas

Acervo Resex do Quilombo Frechal

Esec recebe plantio de árvores



Cento e cinquenta árvores nativas foram plantadas na Estação Ecológica (Esec) Mico-Leão-Preto (SP) na última semana. A ação foi promovida pelo Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ) e contou com a participação de mais de 40 voluntários.

A iniciativa foi realizada em uma área de recuperação florestal da Esec e prevê o plantio de um total de 2 mil árvores de várias espécies. O reflorestamento na estação ecológica é parte de um projeto sobre mudanças climáticas chamado Climate Crowd, desenvolvido pelo WWF.

Em 2017, o IPÊ realizou um levantamento na região, entrevistando 33 moradores e trabalhadores da área rural sobre a percepção deles a

respeito do clima. Na pesquisa, os entrevistados associaram as mudanças do clima ao longo das últimas duas décadas com as mudanças percebidas na natureza, como falta de sazonalidade nas estações do ano, desaparecimento e mortalidade de espécies e avanço de pragas. A partir desse diagnóstico, foram traçadas estratégias de mitigação e adaptação às mudanças climáticas localmente, como o plantio de árvores.

Segundo Paulo Machado, chefe da Esec, o plantio realizado tem grande importância para a Esec Mico-Leão-Preto, pois se trata de local ocupado atualmente por gramíneas exóticas invasoras que serão substituídas por espécies nativas da Mata Atlântica do interior. “Além do ganho em biodiversidade, paralelamente servirá como um aceiro que dificultará o avanço de incêndios florestais que podem atingir este fragmento da unidade. Este projeto desenvolvido por instituições parceiras do ICMBio – IPÊ e WWF – é de grande relevância para a unidade, pois a restauração ecológica é uma das prioridades elencadas no plano de manejo”, destacou.

O evento teve apoio da organização não governamental WWF.



Ação prevê o plantio de 2 mil árvores

Programa de Voluntariado comemora avanços

O Instituto Chico Mendes já conta com 164 unidades organizacionais com adesão ao Programa de Voluntariado. O balanço foi feito pelo Serviço de Apoio ao Programa de Voluntariado (Sevol) a partir dos relatórios enviados pelas unidades de conservação, centros de pesquisas e setores da sede.

Segundo as informações levantadas até o momento, o trabalho voluntário desenvolvido no ICMBio contou no último ano com 1.270 voluntários, com 51% de mulheres atuantes. A participação deles já totaliza mais de 85.300 horas de apoio à pesquisa, atendimento a visitantes, ações de manejo, mutirões de plantio e uma série de outras atividades.

“As informações recebidas até agora já demonstram um grande avanço, pois ampliamos as linhas de atuação, o número de unidades organizacionais aderidas e, conseqüentemente, o impacto do programa nas atividades do Instituto, principalmente no sentido de envolver a sociedade na conservação”, comemorou Fernanda Boaventura, chefe do Sevol.

Para ter um panorama completo da implantação do programa, é importante que todas as unidades enviem seus relatórios. “Esses dados são referentes às atividades de apenas 40% das unidades organizacionais que estão com o programa ativo, ou seja, quem tem planejamento de atividades vigente até o momento e encaminhou seus relatórios ao SEVOL. Portanto sabemos que o impacto do programa é certamente muito maior”, ressalta Fernanda.

Os relatórios mostram que o ICMBio conta com voluntários de todas as idades, incluindo crianças e pessoas com mais de 80 anos, mas a maior parte deles encontra-se na faixa etária de 18 a 29 anos.

“Os resultados que apresentamos apenas demonstram o trabalho que nossas unidades desenvolvem em todo o Brasil. A partir dessas informações, poderemos aprimorar o programa e ter uma visão mais ampliada do que é desenvolvido em todo o ICMBio. É muito importante que os relatórios sejam enviados para contribuir em todo o processo”, explicou Beatriz Gomes, analista ambiental do Sevol.



Relatórios mostram evolução do programa, mas número ainda é subestimado, pois nem todas as unidades enviaram o documento



Acervo Parma Itaitiara

Capacitação de conselheiros fortalece gestão de reservas extrativistas

Os conselheiros das reservas extrativistas marinhas de Araí-Peroba e Tracuateua (PA) participaram nos dias 17 e 18 de março do “Curso de Formação de Conselheiros Para o Fortalecimento da Cogestão das Unidades de Conservação de Uso Sustentável da Região Bragantina”. A área envolve quatro reservas extrativistas marinhas.

O evento teve como objetivo discutir e ressaltar a importância dos conselheiros na cogestão das unidades de conservação e na proteção do território de uso sustentável. Nesse sentido, também foram convidados a participar do curso representantes das futuras reservas extrativistas marinhas Filhos do Mangue e Virandeua, que aguardam criação.

“Foram dois dias de intensa discussão. Os participantes tiveram acesso a diversas informações para um melhor entendimento da importância deles na atuação dos conselhos deliberativos das reservas extrativistas”, ressaltou Ednaldo Gomes, chefe da Resex Marinha Tracuateua. Os presentes também participaram da elaboração do Plano de Ação do Conselho Deliberativo da Resex Marinha de Tracuateua.

Ednaldo destacou que a integração entre os conselheiros das unidades de conservação já existentes com as unidades em fase de criação foi extremamente positiva, pois trouxe uma visão macro do que são os conselhos deliberativos das reservas extrativistas da região, empoderando os comunitários nas tomadas de decisão sobre a unidade de conservação na qual exercem sua atividade, mas sem esquecer a visão regional, como território de uso comum.

“Ao final do evento, vimos que este foi o primeiro passo, pois muito ainda precisa ser feito para a integração da região bragantina, para o fortalecimento das discussões de uso de território e defesa das populações extrativistas”, afirmou Ednaldo.

A realização do curso contou com a parceria das associações dos Usuários da Reserva Extrativista Marinha de Tracuateua (Auremat) e dos Usuários da Reserva Extrativista Marinha de Araí-Peroba (Auremap). Também participaram representantes do Instituto Federal do Pará (IFPA) e das universidades federais do Pará (UFPA) e Rural da Amazônia (UFRA).



Evento contribuiu para integração dos conselheiros

Ednaldo Gomes e Silva

Flona de Brasília tem rede de trilhas para caminhadas

No último sábado (24), o dia na Floresta Nacional de Brasília começou animado para o Grupo de Caminhada de Brasília (GCB), o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade e a comunidade do Distrito Federal. Os voluntários prepararam uma grande mesa com diversas frutas para comemorar o projeto Caminhos da Flona, realizado pela unidade de conservação (UC) em parceria com o GCB.

Foram inauguradas duas novas trilhas: Burity com 18 quilômetros e Sucupira com 36 quilômetros. Além disso, duas trilhas menores (Pequi - 6km e Jatobá - 12km) ganharam novos atrativos e elementos, além de pequenos ajustes nos seus percursos. As quatro trilhas fazem parte do projeto Caminhos da Flona, construídas, em grande parte, por voluntários.

“A floresta é um refúgio para as espécies e também para o ser humano. Esse é um espaço para a comunidade desfrutar”, defendeu o chefe da UC, Geraldo Pereira. Segundo ele, o local recebe em média 400 pessoas nos finais de semana, que contemplam a natureza em caminhadas ou passeios de bicicleta.

O coordenador-geral de Uso Público e Negócios, Pedro Menezes, afirmou que a Floresta Nacional de Brasília é a unidade de conservação com a maior quilometragem de trilhas sinalizadas e manejadas do país. “Nosso esforço é de aumentar a visitação, sempre promovendo a recreação em contato com a natureza”, salientou Pedro.

“Sentir o cheiro do mato, curtir a natureza e ainda em trilhas sinalizadas para as caminhadas”, enumerou animado o coordenador do Grupo de Caminhada de Brasília (GCB), João Carlos. Ele mobilizou mais de 100 pessoas do GCB, totalizando cerca de 4.500 horas de trabalho voluntário, em atividades que incluíram o estudo dos trajetos, a demarcação e a sinalização das trilhas.

Durante a solenidade, o GCB fez uma homenagem à vereadora Marielle Franco, que foi assassinada no dia 14 de março, no Rio de Ja-

neiro. Eles ainda dedicaram um espaço dentro da mata denominado Teatro Marielle Franco, com diversos troncos para um descanso merecido e aulas de educação ambiental.

LONGAS CAMINHADAS

Depois da cerimônia de inauguração do projeto Caminhos da Flona, todos tiveram a oportunidade de fazer trilhas guiadas e com ações de educação ambiental. Lucimar Sena e Helena de Tróia foram preparadas para percorrer o trajeto da Sucupira. Esta é a primeira trilha, dentro de unidade de conservação do Distrito Federal, que precisa de um ponto de pernoite para dar conta do trajeto.

“Eu aprendi a gostar de fazer longas caminhadas. Pequenos passeios agora é só para levar o neto no parquinho”, brinca Lucimar, que participou como voluntária na construção das trilhas. A colega Helena também estava animada para fazer o percurso longo. “Desde que eu comecei a participar do GCB e me tornei voluntária no Parque Nacional de Brasília, todas as minhas doenças sumiram e eu perdi 10 quilos”, conta Helena, que está aposentada.

Já Rossana Perez Torres veio do Lago Sul para fazer a caminhada mais curta, a Pequi, com 6 quilômetros. Ela elogiou a sinalização das trilhas e quer convidar amigos para conhecer o trajeto em outras oportunidades. “Gosto demais deste contato com a natureza. Acalma”, disse a servidora pública, que cumpriu os 6 quilômetros com tranquilidade, apreciando a natureza.

Para fazer a trilha Sucupira, que necessita de pernoite, é necessário agendamento prévio com o chefe da UC ou pelo e-mail flonabrasilia.df@icmbio.gov.br. Não há cobrança de ingresso.



Novas trilhas ganharam placas de sinalização



AS INSCRIÇÕES para os CURSOS do ICMBio (presenciais ou a distância) são FEITAS pelo AVA

Não fique de fora!

Cadastre-se no Ambiente Virtual de Aprendizagem e conheça todas as ferramentas que vieram para tornar sua experiência de capacitação ainda mais completa. Clique [aqui](#).



Cassurubá comemora homologação de famílias beneficiárias

No dia 15 de março, o Conselho Deliberativo da Reserva Extrativista (Resex) de Cassurubá (BA) viveu um momento histórico para suas comunidades tradicionais. Na reunião, foi homologada a Lista Oficial das Famílias Beneficiárias da unidade de conservação (UC), com a indicação preliminar de 1.115 famílias.

A homologação é fruto de um longo trabalho iniciado em 2015 pela analista ambiental Priscilla Estevão, com a construção e elaboração do Perfil da Família Beneficiária. Em um processo participativo de discussão, foram realizadas dez oficinas comunitárias, que contaram com a participação de aproximadamente 600 extrativistas.

Após a publicação do Perfil da Família Beneficiária em 2017, os extrativistas foram or-

ganizadas em comissões comunitárias com o objetivo de filtrar o Cadastro das Famílias Beneficiárias realizado em 2014 e 2015 a partir dos critérios de reconhecimento que essas próprias comunidades haviam estabelecido, como ancestralidade e necessidade dos recursos naturais protegidos pela Resex para manutenção do seu modo de vida tradicional.

“Finalizamos mais um importante ciclo para o aprimoramento da gestão da UC, que será encerrado com a publicação do Plano de Manejo Participativo”, comemorou Marcelo Lopes, chefe da Resex. O documento foi apresentado na última semana à Coordenação de Elaboração e Revisão de Plano de Manejo (Coman) e tem publicação esperada para este ano.



Arquivo Resex de Cassurubá

Resex terá mais de mil famílias beneficiárias

Realizada consolidação do PAN Lagoas do Sul

Foi realizada, de 13 a 15 de março, a Oficina de Consolidação do Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Sistemas Lacustres e Lagunares do Sul do Brasil, o PAN Lagoas do Sul. O evento, que ocorreu na sede do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Marinha do Sudeste e Sul (Cepsul), em Itajaí (SC), reuniu os membros do Grupo de Assessoramento Técnico (GAT) do PAN, definido em sua Oficina de Elaboração.

O evento teve como objetivo consolidar a Matriz de Planejamento, elaborar a Matriz de Metas e Indicadores e propor o Sumário Executivo, além de definir o planejamento de atuação do próprio GAT para implementação do plano. O PAN Lagoas do Sul tem sido construído sob o enfoque territorial e com base na capacidade de governança de fóruns e demais espaços coletivos de gestão que atuam em sua região de abrangência.

Em sua fase preparatória, foram identificadas 73 ações que já ocorrem na região e contribuem para a conservação das espécies e ambientes das lagoas do sul. Na Oficina de Elaboração, com base na capacidade de governança instalada e considerando a sinergia entre os espaços de gestão, foram propostas ainda novas ações, no âmbito da agroecologia, da pesca sustentável, da pecuária orgânica, da pesquisa, da educação socioambiental, da gestão, do ordenamento e do licenciamento, entre outros temas.

Na oficina, foi possível propor ajustes à Matriz de Planejamento e identificar indicadores e meios de verificação estratégicos para avaliação da efetividade do PAN, como base de sua Matriz de Metas e Indicadores.

Para Gabriela Coelho de Souza, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), “a oficina, bem como o próprio PAN, tem permitido a continuidade de processos intersetoriais que se deram a partir de outras políticas públicas construídas na região, como os Territórios Rurais”. Joana Bassi, da Secretaria de Estado de Meio Ambiente do Rio Grande do Sul, pontuou que “a oficina permitiu a integração dos membros do GAT e também sua consolidação como grupo ativo e de atuação constante na integração com os articuladores das ações do PAN e na comunicação com a sociedade”.

Maya Ribeiro Baggio, bolsista do GEF-Mar que atua no PAN, percebeu que “o trabalho, a diversidade, a fé, os compartilhamentos e aprendizados, a sinergia e a evolução deste processo, legítimo e participativo, têm trazido satisfação e união entre os participantes. Isto é fruto da identificação que cada um tem sentido com o PAN Lagoas do Sul ao longo das etapas realizadas, gerando uma identidade coletiva e orgânica corresponsável por sua realização.”

“Construir uma política pública efetiva e que seja realmente do público, respeitando sua diversidade e garantindo seu protagonismo, é o grande desafio da gestão ambiental. É com este enfoque que estamos construindo o PAN Lagoas do Sul”, completa Walter Steenbock, analista ambiental do Cepsul.



Maya Baggio

Participantes consolidaram o PAN Lagoas do Sul

ICMBio inicia projeto de turismo de base comunitária em Itaetê

Foi realizada recentemente a primeira ação do projeto “Integrando iniciativas de Turismo de Base Comunitária (TBC) com o Parque Nacional da Chapada Diamantina (PNCD) e Parque Natural Municipal de Andaraí – Rota das Cachoeiras”, no município de Itaetê, na Bahia. A iniciativa foi aprovada em edital lançado pelo ICMBio, em 2017, destinado às unidades de conservação (UCs) federais, com o intuito de fortalecer ações voltadas ao desenvolvimento do turismo nas comunidades vizinhas ou residentes nas unidades.

No valor de R\$ 40 mil, a proposta tem como meta formatar um produto turístico para ser apresentado ao mercado. O município, localizado no sudoeste do parque nacional, possui grande potencial turístico, pois abriga atrativos naturais de beleza singular, além do diferencial de possuir diversas comunidades rurais de cultura e modo de vida próprios.

Características que atraem, a cada ano, mais visitantes, porém “isso vem ocorrendo de forma desorganizada, o que faz com que o município, muitas vezes, perca turistas que não encontram o serviço desejado”, destaca Alex Lima, guia da Associação de Condutor de Visitantes de Itaetê (ACVI). “Esperamos que o projeto contribua para a inclusão dos moradores que trabalham direta e indiretamente no setor”, acrescenta.

“O intuito é promover a integração do trade de Itaetê e estabelecer parcerias externas para fortalecer a geração de renda por meio do turismo nas comunidades rurais próximas ao parque nacional”, explica Marcela de Marins, analista ambiental do ICMBio e coordenadora do projeto.

A proposta dá continuidade a programas de qualificação de mão de obra já realizados em Itaetê, como um executado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), em 2008 e 2013, de fomento ao turismo de base comunitária em assentamentos da Bahia.

AÇÃO PARTICIPATIVA

O projeto está dividido em três etapas: produção de inventário e diagnóstico do turismo local, elaboração do produto e comercialização. Essas ações serão realizadas com base em metodologias participativas, em forma de oficinas, com a presença dos atores locais.

Na primeira atividade, estiveram presentes cerca de 30 moradores, entre representantes dos assentamentos e comunidades rurais, poder público municipal e trade turístico local. Na ocasião, foi realizado o levantamento de equipamentos e serviços turísticos, como atrativos, hospedagens, restaurantes, guias, agências e parceiros. A partir dessas informações, será verificado em campo quais itens levantados estão adequados para atender ao mercado.

O projeto possui duração de seis meses e a próxima oficina será realizada em abril.

TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA (TBC)

Desde 2011, o ICMBio enxerga o envolvimento das comunidades como um importante caminho para fortalecer os programas de visitação, agregar valor à experiência do visitante, bem como incrementar a renda dos moradores e aproximá-los positivamente da gestão das UCs, aumentando, assim, o apoio local às áreas protegidas.

O TBC é um modelo de gestão da visitação em que a comunidade é a protagonista, o que gera benefícios coletivos e promove vivência intercultural, qualidade de vida, valorização da história e da cultura dessas populações, além da utilização sustentável para fins recreativos e educativos dos recursos da unidade de conservação.



Acervo Parma da Chapada Diamantina

Participantes em levantamento dos serviços de transportes disponíveis

Capacitação reforça gestão da APA do Anhatomirim

A Área de Proteção Ambiental (APA) do Anhatomirim (SC), em parceria com a Prefeitura Municipal de Governador Celso Ramos, promoveu um curso para 26 servidores da prefeitura sobre a unidade de conservação (UC) e seu plano de manejo. O objetivo foi nivelar o trabalho e as regras da APA entre os agentes municipais.

A capacitação abordou aspectos da APA e sua gestão, Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), processos de licenciamento, proteção ambiental, seu plano de manejo, operações específicas ocorrentes na unidade, entre outros. Após as apresentações, algumas ações convergentes entre a UC e a prefeitura foram mapeadas, como infrações ambientais, processos de licenciamento ambiental e autorizações diretas.

“Não tenho dúvidas de que foi um momento muito proveitoso e positivo para as relações de parceria entre ICMBio e Prefeitura de Governador Celso Ramos. Como poder público, poderemos dar respostas mais rápidas e convincentes à sociedade”, afirmou Marcos César da Silva, chefe da APA.

Para Milena Marques Rafael, diretora de Meio Ambiente da prefeitura, o curso para formação dos funcionários foi de grande importância para que haja interação e compartilhamento de informações entre os dois órgãos. “Tal proximidade reflete diretamente na gestão municipal e da APA, que juntas buscam sempre trabalhar em conjunto para que o crescimento venha com um planejamento ordenado e visando assegurar um meio ambiente preservado para as futuras gerações do município de governador Celso Ramos”, afirmou.



Técnicos da Prefeitura de Governador Celso Ramos durante o curso

Acervo APA do Anhatomirim



Acervo APA do Anhatomirim

Participantes da oficina

Floresta Nacional de Roraima realiza oficina de plano de manejo

No período de 19 a 23 de março, foi realizada, no Centro de Estudos da Biodiversidade da Universidade Federal de Roraima (UFRR), a Oficina de Plano de Manejo da Floresta Nacional de Roraima, uma das mais importantes etapas dentro do processo de construção do documento. O evento contou com a participação de representantes de órgãos públicos, da sociedade civil e de moradores do entorno da unidade de conservação (UC), além de diversos servidores do ICMBio.

Durante os cinco dias da oficina, trabalhou-se na construção do propósito da unidade, elaboração de suas declarações de significância, na indicação de seus recursos e valores fundamentais, identificação das necessidades de dados e planejamentos, construção do zoneamento e das normas das zonas e, por fim, na elaboração das normas gerais da UC.

Segundo o chefe da Flona de Roraima, Marcio Farkas Tonello, o evento foi bastante produtivo, gerando informações relevantes para a construção de um plano de manejo voltado às reais necessidades da UC. Já o técnico am-

biental da unidade, Rainor Abensour de Souza, ressaltou que a elaboração do documento é a concretização de um sonho visto que a unidade passou por diversos percalços desde sua criação em 1989, passando pelo seu redimensionamento em 2009, até chegar ao início da elaboração do plano em 2017.

O plano de manejo da UC começou a ser elaborado em agosto de 2017 de forma simultânea com a Flona Anauá, com o apoio da Coordenação de Elaboração e Revisão de Plano de Manejo (Coman) e da Coordenação Regional em Manaus (CR2). Ele é baseado na nova abordagem de elaboração de planos de manejo do ICMBio. A floresta nacional também está contando com o apoio de outras UCs de Roraima, em especial o Parque Nacional Serra da Mocidade e as estações ecológicas Niquiá e Maracá.

A próxima etapa é a estruturação da primeira versão do documento, que deve ocorrer no mês de maio, em reunião a ser realizada na Coman, em Brasília.



Intercâmbio busca contribuir com a gestão de áreas protegidas

ICMBio promove Intercâmbio de Agroecologia no Amapá

A Floresta Nacional do Amapá realizou neste mês o Intercâmbio de Agroecologia nas comunidades do Curicaca (Itaubal) e no distrito de Fazendinha (Macapá). A ação beneficiou diretamente 19 agricultores familiares residentes nas comunidade do Alto Rio Araguari (Porto Grande) e Projeto de Assentamento Serra do Navio (Serra do Navio).

A ação faz parte do Projeto Florestas Alimentando o Ar (FAA) e tem como objetivo contribuir com a gestão das áreas protegidas do estado do Amapá, por meio do fortalecimento de políticas públicas que promovam o uso sustentável do capital natural, por meio da Assistência Técnica e Extensão Florestal (ATEF) às comunidades que vivem dentro e no entorno de seus limites, subsidiando alternativas econômicas sustentáveis em consonância à política pública ambiental.

O engenheiro agrônomo e extensionista agropecuário do Instituto de Desenvolvimento Rural do Amapá (Rurap) falou sobre a contribuição do Projeto: "Como etapa do Plano de Trabalho Governança Florestal do Estado do Amapá e do Projeto Florestas Alimentando o Ar, o Intercâmbio de Agroecologia veio contribuir no aprendizado e na troca de experiências entre agricultores do estado em relação às práticas de produção agroecológica".

Ele também contou que os agricultores das comunidades Alto Rio Araguari e do Projeto de Assentamento Serra do Navio puderam vivenciar diferentes formas de organização social e comercialização da produção a partir das experiências dos agricultores das comunidades visitadas, Curicaca e Fazendinha.

"O legado deste evento foi evidenciar formas de produção ecologicamente sustentáveis, que proporcionam melhorias na qualidade de vida dos agricultores e da sociedade que consomem alimentos mais saudáveis", ressaltou.

Essa capacitação prática e participativa oportunizou visitas em cinco áreas de unidades familiares, quatro em Curicaca e uma em Fazendinha. Foram abordados temas como vivência das técnicas agroecológicas de implementação de compostagem orgânica, produção de biofertilizantes e uso de adubação verde, socialização de experiências em gestão e organização social, práticas de recuperação de solos, visão empreendedora e mercado institucional, parceria com iniciativa privada, diversificação de produção e de práticas agroecológicas e a interação interinstitucional do Projeto FAA para o desenvolvimento da atividade.

A iniciativa contou com uma rede de parceiros, incluindo Instituto Estadual de Florestas do Amapá (IEF), Rurap, Secretaria de Estado do Meio Ambiente, Conservação Internacional Brasil (CI Brasil), Instituto de Pesquisa e Formação Indígena (Iepé), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), Cooperativa Agroextrativista de Produtores de Açaí da Serra do Tumucumaque (COOPAST), Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Serra do Navio (STTR), Associação Agroextrativista dos Agricultores e Moradores do Assentamento de Serra do Navio – Renascer, Associação dos Agroextrativistas Ribeirinhos do Rio Araguari Bom Sucesso e a empresa japonesa Daikin Industries Ltda.



A Voz das Mulheres

Confira o último relato da série “A Voz das Mulheres”, divulgada no ICMBio em Foco no mês de março.

“Durante este mês, foi muito interessante ver o relato das colegas do ICMBio compartilhando as dificuldades que encontram, como mulher, no exercício das suas funções. São situações que devem ser denunciadas e reconhecidas para que possamos (homens e mulheres) refletir sobre onde estamos e iniciar ações concretas, a fim de minimizar essas distorções e, quem sabe um dia, superá-las.

Nesta oportunidade, também considero oportuna uma complementação a essa discussão iniciada nas edições anteriores. Feitas as denúncias, é tempo também de enaltecer a qualidade da contribuição que as mulheres têm trazido para o Instituto. Destacando, em especial, as atuações nos espaços de poder que algumas de nós têm conquistado.

Parto da minha experiência pessoal para caracterizar como percebo essa qualidade de atuação. Atualmente, estou sob a coordenação de uma cadeia de gestoras mulheres (uma diretora, uma coordenadora-geral, uma coordenadora, uma chefe de unidade e uma chefe de setor) e observo que elas são bem diferentes entre si, contudo trazem denominadores comuns: possuem a necessária assertividade que seus cargos requerem, mas compõem a essa força uma sensibilidade peculiar.

Falo de uma qualidade especial de inteligência, pois são muito atentas aos detalhes e ao campo do que não está tão visível. Essas gestoras integram em suas decisões a dimensão do

humano, das subjetividades e das relações interpessoais. Em seus cargos, são primorosas na entrega de produtos, mas dão igual importância à qualidade do processo de construção. Posso dizer que, por conta disso, hoje experimento espaços de escuta e confiança como nunca antes no ICMBio. Tem sido uma experiência muito gratificante trabalhar com essas gestoras!

É justo também dizer que as qualidades citadas acima não são exclusivas de mulheres. Conheço muitos colegas homens também sensíveis, como também mulheres que ainda não desenvolveram tais características.

Mas o objetivo aqui é comemorar os avanços conquistados: hoje temos mulheres compondo cargos de chefia e que estão manifestando muito bem seus talentos e propósitos. Também busco valorizar a qualidade da contribuição das mulheres dentro das equipes. Meu desejo é que cada espaço do ICMBio possa apresentar uma composição (e participação!) de gênero mais equilibrada, pois ela contribui efetivamente na diversidade de olhares e de soluções mais abrangentes para os desafios que se apresentam.

Reverencio todas as minhas colegas, pois cada uma, a seu modo, tem trazido mais inteligência e beleza ao nosso ICMBio, equilibrando as linhas retas e com suas linhas curvas.”

Maria Flávia Conti Nunes (Kheli), analista ambiental da Acadebio.

Prata da casa

Analista finaliza doutorado sobre turismo interativo com botos

No dia 9 deste mês, nosso colega Marcelo Vidal, do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Sociobiodiversidade Associada a Povos e Comunidades Tradicionais (CNPT), defendeu sua tese de doutorado intitulada “Turismo interativo com botos (*Inia geoffrensis*) no Baixo Rio Negro, Amazônia Central”.

Em sua pesquisa, Vidal caracterizou o turismo interativo com botos no Parque Nacional de Anavilhanas (AM), analisou seus aspectos positivos e negativos e, utilizando ferramentas de diagnóstico, planejamento e gestão participativa, propôs medidas de ordenamento que contribuiriam para a normatização do modelo de turismo implementado na unidade de conservação federal e em outras áreas protegidas da Amazônia.

O doutorado foi vinculado ao Programa de Pós-Graduação da Rede de Biodiversidade e Biotecnologia da Amazônia Legal (Rede Bio-norte), com estágio sanduíche na Universidade da Flórida, Estados Unidos.

No campo das percepções socioambientais, a pesquisa demonstrou que a maioria dos visitantes acredita que o turismo de interação com os botos auxilia na conservação da espécie por promover o aumento do conhecimento sobre esses animais e auxiliar na sensibilização das pessoas para sua proteção. Por outro lado, a maioria dos moradores de Novo Airão, município onde se situa o Parque Nacional de Anavilhanas, considera que as interações com os botos atraem visitantes, contribuem para a geração de renda local e auxiliam na conservação destes animais.

Do ponto de vista biológico, a pesquisa identificou 13 botos habituados às interações turísticas, sendo que a frequência desses animais foi pouco influenciada pelo nível do rio e a oferta de alimentos impactou diferentemente os indivíduos, ocasionando maior ou menor alteração em seu comportamento natural de caça. O estudo demonstrou ainda que cetáceos não habituados às interações turísticas utilizam uma grande variedade de ambientes do Parque Nacional de Anavilhanas, que podem ser utilizados para o turismo embarcado para observação dos cetáceos desde que a atividade respeite uma série de regras visando diminuir possíveis impactos negativos aos animais.

No campo do ordenamento da atividade turística, foram elaboradas e colocadas em prática normas e orientações quanto à estrutura mínima e à localização do empreendimento onde as interações com os botos acontecem, bem como ao modo como as interações dos visitantes com os animais devem ser desenvolvidas. Essas diretrizes reduziram significativamente os riscos de acidentes e aumentaram os benefícios que o turismo com os botos oferece.

A pesquisa gerou importantes informações para os gestores da unidade de conservação e subsidiou a normatização do estado do Amazonas para o turismo com os botos e a normatização federal para interações turísticas com cetáceos e sirênios, elaborada pelo ICMBio e enviada para publicação no Ministério do Meio Ambiente.

Guia de Divulgação de Notícias

Saiba como divulgar sua unidade!

Notícias relativas a acontecimentos, projetos e atividades relevantes devem ser encaminhadas para:



ascomchicomendes@icmbio.gov.br

1. Assunto do e-mail

Matéria + Nome da unidade

Para: ascomchicomendes@icmbio.gov.br

Assunto: EXEMPLO: Matéria Parna Itatiaia

2. Corpo do e-mail

Breve explicação sobre o assunto da matéria

EXEMPLO: Matéria/nota referente ao evento/atividade (...), realizada na unidade (...).

Créditos das fotos: nome do(s) autor(es) das imagens

EXEMPLO: Imagens de (nome e sobrenome)

Assinatura e número de telefone para contato

EXEMPLO: Atenciosamente,

(nome e sobrenome)
(número para contato com DDD)



Enviar

3. Anexos



Texto



Fotos

Informações essenciais

O QUÊ? Fato/evento/projeto

QUEM? Pessoas e/ou instituições envolvidas

ONDE? Local do acontecimento tratado na matéria

QUANDO? Data/momento em que o fato ocorreu

Sempre que possível, encaminhar as fotos em anexo (formato jpg) e não no arquivo do texto.

Evitar fotos com informações de data e hora cobrindo a imagem.

Detalhamento/contexto:

COMO? Modo como ocorreu; contexto do acontecimento narrado

POR QUÊ? O que motivou o fato/evento/projeto

Indicar o crédito das fotos no corpo do e-mail (conforme orientação do item anterior). Caso seja enviado um grande número de fotos com autores diferentes, colocar o crédito também no nome do arquivo.

Depoimentos:

Se possível, inserir na parte textual um ou mais depoimentos de pessoas envolvidas com o assunto tratado na matéria. É importante indicar nome, sobrenome e profissão/função do depoente.

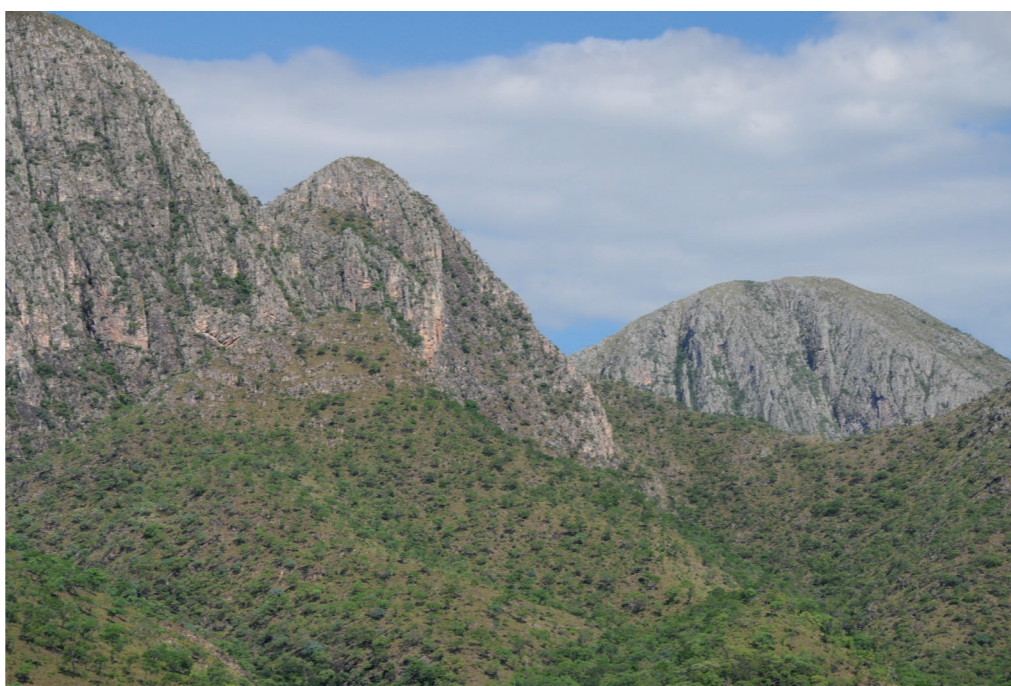
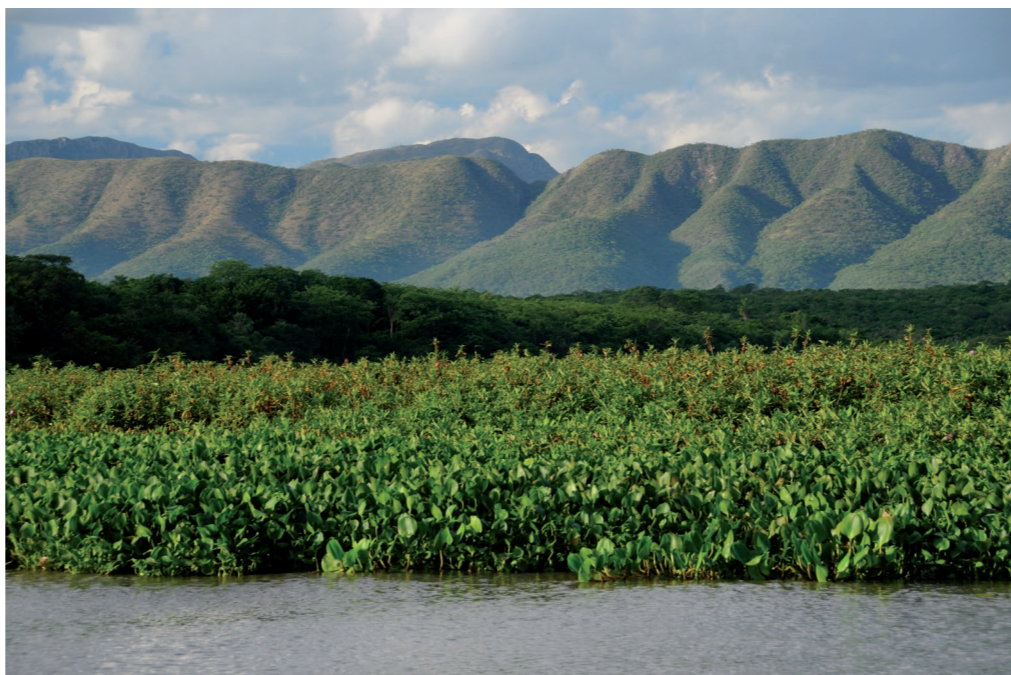
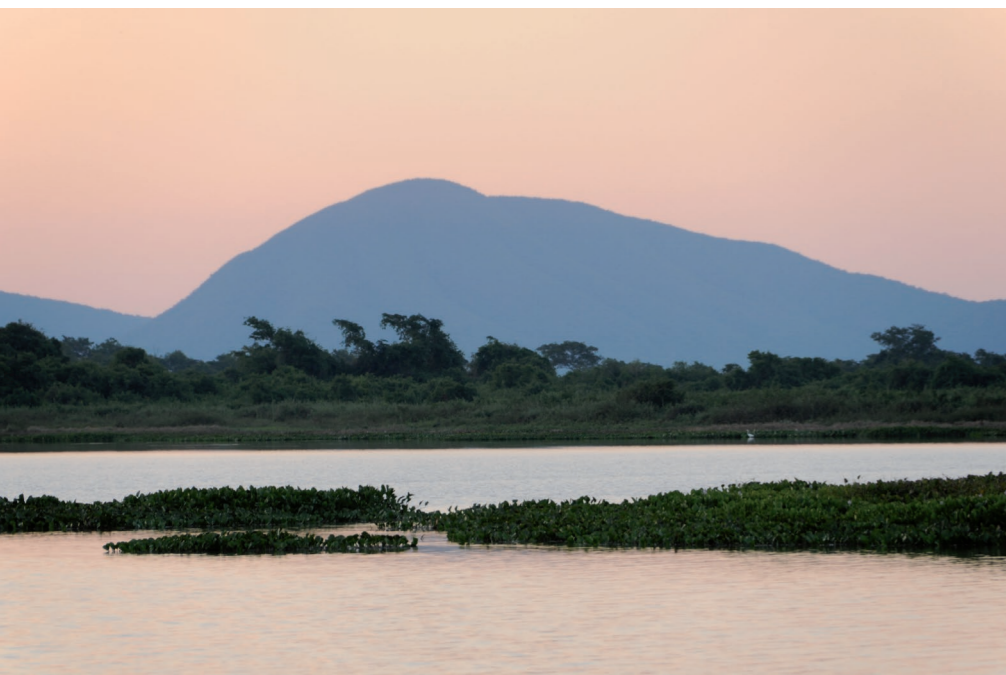
4. Prazos



Para publicação no ICMBio em Foco da mesma semana, o material deve ser enviado no máximo até quarta-feira às 12h. Notícias encaminhadas após esse prazo serão divulgadas na edição subsequente.



RPPN Fazenda Acurizal e
Fazenda Penha (MS)





ICMBio em Foco

Revista eletrônica

Edição

Ivanna Brito

Projeto Gráfico

Bruno Bimbato

Narayananne Miranda

Diagramação

Celise Duarte

Chefe da Divisão de Comunicação

Márcia Muchagata

Colaboraram nesta edição

Alessandra Lameira – Mosaico da Amazônia Oriental; Andrea Von Der Heyde Lamberts – APA do Anhatomirim; Carla Oliveira – DCOM; Ednaldo Gomes e Silva – Resex Marinha Tracuateua; Equipe Parna da Chapada Diamantina; Marcelo Lopes – Resex de Cassurubá; Marcelo Vidal – CNPT; Paula Piccin – IPÊ; Ramilla Rodrigues – DCOM; Walter Steenbock – Cepsul .

Divisão de Comunicação - DCOM

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio

Complexo Administrativo Sudoeste - EQSW 103/104 - Bloco C - 1º andar - CEP: 70670-350 - Brasília/DF Fone +55 (61) 2028-9280 ascomchicomendes@icmbio.gov.br - www.icmbio.gov.br



MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE

